

**FACULDADES MAGSUL**

**ADILSON BERNAL**

**A EFICÁCIA DO ENSINO DE LEITURA NOS  
ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**PONTA PORÃ - MS**

**2012**

**ADILSON BERNAL**

**A EFICÁCIA DO ENSINO DE LEITURA NOS  
ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de conclusão de Curso (TCC)  
apresentado as Faculdades Magsul, como parte  
dos requisitos para obtenção do título de  
licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Dda. Andréa Natália da Silva

**PONTA PORÃ - MS**

**2012**

**ADILSON BERNAL**

**A EFICÁCIA DO ENSINO DE LEITURA NOS  
ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de conclusão de Curso (TCC)  
apresentado as Faculdades Magsul, como parte  
dos requisitos para obtenção do título de  
licenciatura em Pedagogia.

**Data da aprovação: 18/02/2012**

**Local: Faculdades Magsul**

**Banca Examinadora:**

---

**Orientador (a):** Prof<sup>a</sup>. Dda Andréa Natália da Silva  
Mestre em Educação

---

**Membro:** Prof<sup>a</sup>. Ma. Roseli Áurea Soares Sanches  
Mestre e Estudos Linguísticos

---

**Membro:** Prof<sup>a</sup>. Mnda. Emne Mourad Boufleur  
Mestranda em Educação

Dedico este trabalho aos meus familiares por todo carinho e atenção.

Aos mestres e amigos por todo apoio encontrado, em especial ao professor que iniciou essa orientação; Moisés kaveski, à professora. Andréa Natalia da Silva pela ajuda e apoio para a conclusão desse TCC.

E, a todos que direta ou indiretamente contribuíram para que eu pudesse com êxito galgar mais este degrau em conhecimento e aprendizado.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, por tudo que tem proporcionado a mim; e aos amigos por ajudarem a vencer mais este importante obstáculo com muito esforço e determinação.

Aos Mestres do Curso de Pedagogia que foram mais que amigos neste período que juntos compartilhamos a construção do conhecimento.

## **RESUMO**

O presente estudo tem como objetivo demonstrar a eficácia do ensino de leitura nas séries iniciais do Ensino Fundamental através de uma visão panorâmica de como tem sido trabalhada nas escolas desde os primeiros anos escolares. A leitura tem sido tradicionalmente considerada como objeto de uma instrução sistemática, como algo que deve ser ensinado e cuja aprendizagem suporia o exercício de uma série de habilidades específicas. Neste estudo são abordados aspectos históricos que embasam a leitura na escola de ensino fundamental e a prática de leitura realizada na atualidade nas escolas brasileiras. Destacando principalmente a importância da mesma para a formação do educando. Abordamos ainda os métodos e procedimentos de leitura, segundo os estudiosos do tema, elencando a tipologia textual mais adequada para que a mesma ocorra de forma eficaz em sala de aula. Como resultados consideramos que o professor é o grande responsável pela iniciação de seus alunos no mundo da leitura. Sendo assim, o educador desenvolverá seu trabalho com maior prazer.

**Palavras-chaves:** Leitura. Tipologia textual. Ensino/aprendizagem. Procedimentos.

## SUMÁRIO

<b>1.INTRODUÇÃO.....</b>	<b>07</b>
<b>2. A LEITURA NOS ANOS INICIAIS – ALGUNS ELEMENTOS HISTÓRICOS...08</b>	
<b>2.1 A importância da leitura nos anos iniciais.....</b>	<b>10</b>
<b>3. A RESPONSABILIDADE DO PROFESSOR NA FORMAÇÃO DO ALUNO-LEITOR .....</b>	<b>13</b>
<b>3.1 Leitura na prática .....</b>	<b>15</b>
<b>3.2 Estratégias na formação do leitor .....</b>	<b>19</b>
<b>4. COMO INCENTIVAR O HÁBITO DA LEITURA .....</b>	<b>21</b>
<b>4.1 Prática .....</b>	<b>22</b>
<b>4.2 Observações e prática .....</b>	<b>22</b>
<b>4.3 Diversificar com gostosuras e bobices .....</b>	<b>26</b>
<b>4.4 A importância da biblioteca escolar .....</b>	<b>27</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>30</b>
<b>6 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>32</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho intentei verificar a eficácia do ensino da leitura nos anos iniciais do Ensino Fundamental no município de Ponta Porã.

Para tanto, no decorrer dos capítulos, discorreremos sobre alguns elementos históricos da leitura na escola de Educação Básica brasileira e o que se entende atualmente por “leitura” e qual a importância para o desenvolvimento integral do educando. Destacando o que vem a ser o processo de leitura, para alguns estudiosos do assunto, tentamos elucidar o que é visto como necessário e fundamental para que ele ocorra de forma eficaz. Dentre esses fatores, encontram-se os métodos e os procedimentos considerados mais adequados para que se dê a efetivação desse ensino.

Partindo do pressuposto de que os educadores são considerados, dentro do ambiente escolar, os principais mediadores do ensino da leitura, e de nos dois últimos anos dos anos iniciais o aluno está em fase de transição no tocante à aprendizagem da mesma, colocamos algumas estratégias utilizadas por muitos educadores para estimular o gosto pela leitura.

Para ter uma visão ampla da realidade das escolas de Ponta Porã, e como os professores estão trabalhando com a leitura, visitei algumas escolas em Ponta Porã, onde pude perceber que, principalmente os professores mais antigos não estão se adequando a realidade, quanto a métodos e procedimentos de incentivo à leitura, já os educadores mais novos na instituição estão mais interessados em se adequar à realidade, e ao incentivo oferecido pelo governo.

A pesquisa resultou em três (3) capítulos, sendo que no primeiro descrevo a “A leitura nos anos iniciais” e alguns elementos históricos, e ainda a deficiências nos anos iniciais.

E, no segundo capítulo apresento “A responsabilidade do professor na formação do aluno-leitor, prática e leitura, e as estratégias na formação do leitor.

No terceiro capítulo resultado da pesquisa apresento “como incentivar o hábito da leitura”, diversificando com gostosuras e bobices o ato de ler, mostrando a importância da biblioteca escolar.

Ao final, apresento as considerações, as referências, os apêndices.

## 2 A LEITURA NOS ANOS INICIAIS: ALGUNS ELEMENTOS HISTÓRICOS

Nesse capítulo busco aqui focalizar, através dos tempos numa visão panorâmica, antigas práticas no ensino da leitura. Pois refletindo sobre o nosso passado poderemos possibilitar aqueles que envolvidos no ensino da leitura se perguntam muitas vezes: O que é formar leitores? para que formamos? Ler “percorrer com a vista (o que está escrito, proferindo ou não palavras, mas conhecendo-as.”

Segundo o Dicionário Aurélio, (2001, p. 422) leitura é a

Operação de percorrer, em meio físico, sequência de marcas codificadas que representam informações registradas, e converte-la a forma anterior (como imagem, sons, dados para processamento).

Dessa maneira, ler significa codificar ou decodificar algo, entender através do processamento cognitivo.

Até meados do século XIX, os livros de leitura praticamente não existiam nas nossas escolas. Várias fontes, como relatos de viajantes, autobiografias e romances indicam que textos manuscritos, como documentos de cartório e cartas, serviam de base ao ensino e a prática da leitura. (BRASIL, 2001, p. 54).

Na verdade, nesse momento da história brasileira, o número de escolas era muito restrito. No período colonial as práticas iniciais de escolarização se davam, na maior parte dos casos, nos próprios engenhos ou fazendas, com algum elemento mais letrado, o padre, o capelão ou mesmo um mestre-escola contratado para esse fim. Poucas eram as escolas de ensino primário. (GALVÃO; BATISTA, 1998).

Os escravos eram proibidos de frequentar os bancos escolares e às meninas considerava-se necessário oferecer-lhes apenas uma educação geral necessária para bem cumprirem as atividades domésticas. Aos poucos, principalmente a partir do período imperial, algumas iniciativas foram sendo tomadas no sentido de ampliar a oferta de escolarização da população. A sociedade começou a se tornar mais complexa e as demandas em torno da escolarização aumentaram significativamente. Com o desenvolvimento, outros costumes culturais foram adotados e a educação passou a ser vista como necessárias ao desenvolvimento econômico e cultural do país.

Somente no século XIX, com a implantação da imprensa régia, em 1808, quando o Brasil iniciou sistematicamente a impressão de livros. Então, não só na escola, mas nas diversas instâncias sociais, eram raros os objetos disponíveis para a leitura, poucos os lugares onde se

poderiam adquirir esses objetos (bibliotecas e livrarias só existiam nas cidades mais populosas) e, conseqüentemente, poucos os leitores.

A partir da segunda metade do século XIX, vieram os primeiros livros ainda que alguns impressos na Europa, livros destinados especificamente às séries iniciais da escolarização. Livros considerados inovadores para a época, livros destinados ao aprendizado inicial da leitura e da escrita, que poderiam substituir as cartilhas grosseiras e materiais manuscritos.

Consolida-se, assim, o primeiro período na circulação de livros escolares no Brasil, caracterizado pela utilização de livros produzidos na Europa, com a hegemonia de autores portugueses e de eventuais traduções de textos estrangeiros, principalmente franceses, produzidas por portugueses. (TAMBARA, 2002, p. 27)

A hegemonia da literatura portuguesa e de outros autores, muito contribuíram para a falta de estímulo a leitura no Brasil.

De acordo com Nasareth Batista de Oliveira, Abílio César Borges teve seus livros aplaudidos pela crítica intelectual da época, e em seu trabalho como dono de escola, aboliu os castigos corporais utilizados pela maioria das escolas. Graciliano Ramos, em *Infância*, narrativa autobiográfica de sua meninice na virada do século XIX para o século XX, sentia dificuldade para entender as lições: o livro chegava a lhe provocar náuseas. As horas de leitura eram, para o menino, horas de tortura. O mesmo menino que, depois de entrar em contato com algumas obras literárias fora da escola, passou a buscar com ânsia e prazer outros objetos de leitura na pequena cidade em que morava, no sertão pernambucano. Havia, apesar da escola, tornando-se leitor. Anos mais tarde, um dos maiores escritores de língua portuguesa (GALVÃO; BATISTA, s/a, s/p)

Vemos que em alguns casos a leitura também provocava prazer, apesar das práticas escolares não terem essa intenção demonstrada de maneira clara no cotidiano das escolas. Em muitas escolas alguns objetos de estudo eram proibidos – como as histórias em quadrinhos. E algumas práticas de estudos também – como ler no salão de dormir, fazendo com que os alunos buscassem meios de ler sem que a escola tomasse conhecimento. Nos anos 30 e 40 houve um crescimento expressivo das editoras e o público leitor cresceu e diversificou. A produção literária crescia muito e os livros de literatura infantil conquistavam a cada dia mais espaço nesta produção, revelando a existência de uma parcela de leitores até então quase ignorada. (GALVÃO; BATISTA, 1998, p.3)

A partir da década de 70, aumentou consideravelmente o número de séries de leitura, ao inverso do que acontecia no passado, os livros passam a ter uma rotatividade maior nas escolas. Se, antes, alguns compêndios sobreviveram no cotidiano das salas de aula por

aproximadamente 50 anos, mais recentemente essa duração tem sido muito menor. Essa modificação pode ser explicada pela necessidade de atualização do conteúdo, cada vez mais complexo e de rápida desatualização, e pelo desenvolvimento de pesquisas que modificam o conhecimento pedagógico. Os novos livros trazem, cada vez mais, cadernos de exercício e manuais do professor. No passado, traziam, no geral, uma ou duas folhas de instrução aos professores. Em anos mais recentes, principalmente para as séries iniciais, os manuais do professor estão cada vez mais extensos. É nessa época que a literatura infantil “invade” as escolas. Com uma produção cada vez maior e diversificada, as obras destinadas aos leitores e leitoras infantis passam a fazer parte, ao lado dos livros de leitura, das atividades de leitura escolar: a literatura infantil se escolariza. (GALVÃO; BATISTA, s/a, s/p).

Mais recentemente, e a cada dia de maneira mais intensa, procura-se fazer um movimento contrário: na contracorrente da didatização dos livros para as crianças, buscam-se tornar presentes na escola os usos sociais da língua escrita, na diversidade dos modos de ler em diversidade dos gêneros e dos portadores ou suportes de textos.

O livro didático é assentado em xeque pelo emprego do jornal, livro, da revista e de todo um conjunto de textos cuja presença era proibida na escola: quadrinhos, rótulos, listas, quadros e tabelas, placas, propaganda. Ao lado disso, livros e artigos têm aparecido buscando auxiliar as professoras na tarefa de tornar seus alunos e alunas, leitores e leitoras. (GALVÃO ; BATISTA, s/a, s/p).

Cada vez mais se fala na alegria de ler, no prazer provocado pela leitura. Aspecto quase não comentado no passado, quando os ensinamentos morais e instrutivos eram considerados mis importantes e se pensava que a busca do prazer da leitura era prejudicial à formação de qualquer leitor-criança ou adulto. A crença no prazer da leitura se torna tão forte em muitas escolas que muitas delas deixam de lado práticas e atividades que, embora pouco prazerosas, são necessárias para o desenvolvimento de competência de leitura. (GALVÃO; BATISTA, s/a, s/p).

## **2.1 A importância da leitura nos anos iniciais.**

Temos buscado nas leituras de revistas, jornais, livros e em todos os tipos de textos o gosto pela leitura, o verdadeiro prazer para tornar nossos alunos leitores, então por que pesquisas realizadas apontam deficiência na leitura dos alunos dos anos iniciais?

Sabemos que a leitura é considerada um processo complexo o qual envolve mais que habilidades. Diante de qualquer forma de linguagem tem-se a possibilidade da leitura ser

entendida como atribuição de sentido. Pode-se fazer leitura através de: gestos, imagens, textos e expressões.

Pode-se entender leitura como construção de um aparato teórico metodológico de aproximação e compreensão de um texto. Quando se lê considera-se não só o que está escrito, mas também o que está implícito no texto. Qualquer leitura pressupõe a intertextualidade, ou seja, a relação do texto lido com outros existentes, possíveis ou imagináveis. A leitura é uma decifração e uma decodificação, onde primeiro o leitor irá decifrar a escrita, entender a linguagem encontrada, decodificar todas as complicações que o texto tem e finalmente refletir sobre isso e formar o próprio conhecimento e opinião a respeito do que leu. A leitura sem decifração ou decodificação é considerada inútil.

Segundo Magda Soares (1986) a leitura não é uma aceitação passiva, mas é a construção ativa, é a interação entre leitor e o texto, é a representação, a identificação e a transformação de ideias. Isso porque a leitura é uma atividade ligada essencialmente à escrita; assim, também haverá os correspondentes tipos de leitura. Decodificar as representações indicadas por sinais e signos não é ler. O leitor que compreende o que lê, transforma um texto, transformando-se a si próprio.

Um sistema de leitura baseado no significante será um tipo de leitura diferente daquela baseada no significado. Cada um desses tipos de escritas será baseado numa leitura própria. Emília Ferrero<sup>1</sup> e Ana Teberosky<sup>2</sup>, pesquisadoras reconhecidas internacionalmente por seus trabalhos sobre alfabetização, a grande maioria das crianças, na faixa de seis anos, faz corretamente a distinção entre texto e desenho, sabendo que o que se pode ler é aquilo que contém letras, embora algumas ainda persistam na hipótese de que tanto se podem ler as letras quanto os desenhos. Escrever e ler são duas atividades da alfabetização conduzidas mais ou menos paralelamente, porém a escola tem manifestado maior cuidado e ênfase com relação à escrita. O privilégio da escrita sobre a leitura ocorre devido à facilidade de avaliação da escrita sobre a interpretação de texto.

Ler nos primeiros anos da escola, no entanto, é uma tarefa tão importante quanto a prática de produção de textos. Conforme Silva (1992, p. 57) “bons livros poderão ser presentes e grande fontes de prazer e conhecimento”.

---

<sup>1</sup> **Emilia Ferrero**, psicóloga e pesquisadora argentina, radicada no México, fizeram seu doutorado na Universidade de Genebra, sob a orientação de Jean Piaget. Disponível em [http://www.psicopedagogiabrasil.com.br/biografia\\_emiliaferreiro](http://www.psicopedagogiabrasil.com.br/biografia_emiliaferreiro). Acesso em 12 fev. 2010

<sup>2</sup> **Ana Teberosky**: Doutora em psicologia e docente do Departamento de Psicologia Evolutiva e da Educação da Universidade de Barcelona, Disponível em [http://www.psicopedagogiabrasil.com.br/biografia\\_emiliaferreiro](http://www.psicopedagogiabrasil.com.br/biografia_emiliaferreiro). Acesso em 12 fev. 2010

A leitura é importante em todos os momentos da vida, uma pessoa alfabetizada pode viver sem escrever, mas dificilmente poderá viver sem ler. A leitura é parte integrante e fundamental do nosso cotidiano, aprende-se a ler quando se estabelece uma ligação efetiva entre o leitor e o texto; quando se descobre um sentido, ou apenas uma maneira de ser desse objeto que nos provocou determinada relação, um modo especial de vê-lo e percebê-lo.

Segundo Paulo Freire (1989), a leitura da palavra não significa a ruptura do contexto sócio cultural e linguístico, pelo contrário, a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Somente a leitura é capaz de gerar novos significados podendo formar o leitor crítico. É necessária a integração das diferentes possibilidades de leitura, as diferentes linguagens e seus códigos próprios ao trabalho da leitura da palavra. Os alunos estabelecerão os diferentes sentidos, e este contato com as diferentes linguagens enriquecerá o trabalho da alfabetização.

Nas trilhas do mesmo entendimento, Souza<sup>3</sup> (1992) afirma:

Leitura é, basicamente, o ato de perceber e atribuir significados através de uma conjunção de fatores pessoais com o momento e o lugar, com as circunstâncias. Ler é interpretar uma percepção sob as influências de um determinado contexto. Esse processo leva o indivíduo a uma compreensão particular da realidade" (SOUZA,1992, p. 22).

É necessário nessa tarefa de atribuição de significados a integração das diferentes possibilidades de leituras, as diferentes linguagens e seus códigos próprios ao trabalho da leitura da palavra e das percepções humanas. Os alunos estabelecerão os diferentes sentidos, e este contato com as diferentes linguagens enriquecerá o trabalho da alfabetização e da compreensão e do contexto social.

Todavia, essa tarefa de leitura e significado somente poderá ser possível com um educador responsável a essa estimulação e a motivação, apresenta-se como assunto do próximo capítulo desse TCC.

---

<sup>3</sup> Disponível em Fonte: <http://www.webartigos.com/articles/3046/1/A-Importancia-Da-Leitura-Nas-Series-Iniciais/pagina1>. Acesso em 20 dez. 2009.

### **3 A RESPONSABILIDADE DO PROFESSOR NA FORMAÇÃO DO ALUNO-LEITOR**

Nesse capítulo buscamos descrever a responsabilidade do professor na formação do aluno-leitor. Porém, para que isso ocorra, é fundamental que o professor também seja um sujeito-leitor.

Muito tem se discutido sobre a importância da leitura na escola. Entretanto, percebe-se que inúmeras dificuldades têm sido encontradas, no âmbito escolar, para a efetivação de práticas de leituras que possibilitem a formação de um aluno-leitor.

Vive-se em uma sociedade que pouco valoriza e desenvolve práticas de leitura. O mundo do trabalho e outras formas de lazer são buscados, como forma de ocupação das pessoas, não se atribuindo o valor e a importância que a leitura deveria ter como responsabilidade de conhecimento, entretenimento e prazer.

A importância dada à leitura e a sua necessidade têm-se tornado consenso na sociedade. É inegável o papel relevante que o ato de ler assume no mundo contemporâneo. Mas, para muitos, isso não se efetiva na prática. Os cidadãos, em sua grande maioria, leem muito pouco. Os alunos, segundo os próprios professores, não leem. A prática da leitura e a formação do leitor são tarefas que, mesmo que não exclusivas, são de responsabilidade da escola e conseqüentemente do professor, ou seja, faz-se necessário desenvolvê-las ao longo da escolarização dos alunos. Contudo, parece que há alguns problemas que impedem que isso aconteça.

Alguns aspectos devem ser considerados no que se refere à pouca importância que se tem atribuído à leitura na escola como prática efetiva do cotidiano das crianças: práticas inadequadas de ensino de português fruto de concepções erradas sobre a natureza do texto e da leitura e, por extensão, da linguagem, têm trazido conseqüências nefastas ao desenvolvimento de uma proposta de leitura; a carência de material escrito (livros, jornais, revistas, etc.) que permitam ao aluno entrar em contato com o mundo da escrita e, além disso, a precária formação de um bom número de professores que mesmo não sendo leitores, têm que ensinar a ler e a gostar de ler (BOLETIM ELETRÔNICO) caderno educação Jul.2005 ano I- nº 05

A formação acadêmica, infelizmente não dá ênfase à leitura e esta é uma situação contraditória, pois segundo comentário de Machado (2001, p.45) “não se contrata um instrutor de natação que não sabe nadar, no entanto, as salas de aulas brasileiras estão repletas de pessoas que apesar de não lerem, tentam ensinar”.

Sabe-se que as crianças aprendem muito mais por meio de exemplo, de um modelo a ser seguido do que por meio da instrução. Portanto, torna-se difícil acreditar que seja possível alguém que não tenha descoberto a paixão pela leitura, poder efetivamente contribuir para a formação de um bom sujeito-leitor.

Segundo Silva (1997.p.82):

Essa carência de leitura como se viu é uma falha e ao mesmo tempo encontra justificativa

A questão é saber se, no caso da leitura, os professores, eles próprios, servem de bons exemplos aos alunos-leitores, o que significa dizer se os Professores são eles mesmos, bons leitores. Tudo leva a crer que o mundo da leitura dos docentes permanece nos limites daquilo que eles receberam na sua fase de profissionalização. Eu não diria que esta situação decorre de um esquecimento dos professores – melhor afirmar que a carência de atualização na área da leitura resulta das próprias condições enfrentadas pelos professores no que tange à produção do ensino e ao pleno exercício do magistério” (SILVA 1991,p.82).

quando se sabe que.

Sem condições salariais e de trabalho, sem infraestrutura de apoio para o encaminhamento da leitura, sem tempo para ler etc., os professores são levados a executar apressadamente um mínimo de leitura e, dessa forma, não podem servir de modelo ou de exemplos aos seus alunos, nem fornecer o seu testemunho como leitores assíduos e maduros.”(SILVA, 1991, p.82)

Conforme o autor, pesquisas têm demonstrado que o domínio e a prática de processos de leitura são fatores responsáveis e essenciais para o sucesso acadêmico de qualquer estudante. Para ele, não há falta de entusiasmo ou esforço dos alunos. Que de fato falta é uma metodologia adequada para melhor aproveitamento das aulas e tempo dedicado à leitura e, além disso, os professores devem ser leitores e terem a paixão pela leitura, pois o aluno percebe facilmente a importância e o valor que é atribuído pelo professor à leitura.

Ler para instruir-se, ler por prazer, ler para compreender as relações que se estabelecem na sociedade, como diz (Paulo Freire, 2001,p.11) “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, pois a leitura deve possibilitar uma visão crítica da realidade social e dos problemas ali existentes para que o sujeito-leitor possa se constituir compreendendo o motivo das coisas como resultado de uma prática historicamente construída.

Portanto, um dos grandes desafios que se coloca à escola hoje, é retirar a leitura do esquecimento a que tem sido relegada nos últimos anos e torná-la o centro de todas as discussões pedagógicas que ocorrem na escola. O envolvimento e a preocupação de buscar alternativas para essa questão deve ser compromisso dos professores. Assumir essa discussão como uma necessidade urgente é imprescindível. Porém, é preciso que se tenha claro que não existem receitas prontas. Há um longo caminho a ser percorrido. Há necessidade de o professor

abandonar as posições em que a responsabilidade é sempre atribuída aos outros ou às mais diferentes instituições. Deve-se abandonar o discurso da preocupação com a leitura e assumir de fato uma preocupação com a prática, adquirindo uma postura preocupada com uma fundamentação teórica que possa subsidiar uma nova postura metodológica, cumprindo o papel que lhe cabe neste processo. Além disso, é imprescindível que ele próprio se constitua um leitor, busque o interesse do aluno, motive-o e desperte nele o desejo e paixão, sendo assim “para formar leitores, devemos ter paixão pela leitura” (KLEIMAN, 1995, p.12).

Logo a principal tarefa é compreender que, apesar das lacunas existentes na formação dos professores – resultado de políticas implementadas na educação, não há justificativa para que se continue com a manutenção dessa estrutura educacional. Mesmo que os livros sejam impostos pelo governo, o que fará o diferencial é o professor com metodologia e didática.

### **3.1 Leitura na prática**

Apesar da preocupação demonstrada pelos educadores a respeito do ensino aprendizagem da leitura e da escrita nas escolas, especialmente no que se refere à alfabetização, muitas questões continuam sendo postergadas, sem soluções práticas à vista, no que respeita à manutenção e aprimoramento da leitura nos anos iniciais subsequentes. Refiro-me especificamente à formação do leitor, não só enquanto processador de textos, mas também como leitor eficiente e crítico. Tal leitor, para alcançar esse estágio de proficiência e senso crítico, deve dominar os procedimentos básicos da leitura nos primeiros anos de escolarização e iniciar uma trajetória mais consistente, gradual e constante de leitura que o leve a familiarizar-se cada vez mais com a língua escrita, através das variadas manifestações. A formação do hábito da leitura deve instalar-se, portanto, durante o chamado 1º grau menor e consolidar-se, de forma cada vez mais eficiente, ao longo dos anos subsequentes.

Sabe-se que a leitura assume um papel fundamental na aprendizagem de todos os conteúdos escolares. O sucesso escolar depende do domínio dessa habilidade, resguardada, e obviamente, e de outros fatores que interferem na aprendizagem. Mas, sem dúvida, para as habilidades de estudo, o domínio eficaz da leitura assume uma importância decisiva. Por isso, concorda-se que “todo bom leitor é bom aprendiz” (BAMBERGER, 1995, p.13).

Além dessa função utilitária da leitura na escola que, por sinal, não está absolutamente resolvida, há de se perseguir uma perspectiva mais ampla para o desenvolvimento da leitura durante os anos iniciais. Se examinarmos a prática escolar da leitura ao longo dos referidos anos, veremos, primeiramente, que a escola não se preocupa com o uso social da leitura, ou

seja, não se levam em consideração os vários usos da leitura na vida real das pessoas enquanto cidadãos inseridos numa comunidade letrada.

a leitura é uma atividade construtiva e criativa, tendo quatro características distintas e fundamentais: é seletiva, é antecipatória e são baseados na compreensão, temas sobre as quais o leitor deve, claramente, exercer o controle” (SMITH, 1989, p.17)

A escola, portanto, não está dando conta daquelas três funções básicas da leitura, quais sejam: a leitura para deleite ou fruição, a leitura para aquisição de informações e a leitura para estudo e trabalho. Por isso “A prática escolar da leitura é estereotipada e unidirecional, tendo como única fonte de textos o livro didático, cujas atividades e tipos de texto (literários, na grande maioria) são repetitivos e usados de forma desvirtuada de sua verdadeira função” (SILVEIRA, 1993, p.09).

Diante disso, fica evidenciado que a leitura é uma habilidade que envolve uma complexa atividade mental, contradizendo a concepção tradicional que encara o leitor como um sujeito passivo. A compreensão, sendo um comportamento ativo e complexo, envolve uma série de processos de vários níveis. Para compreender um texto, o leitor deve ativar seus conhecimentos prévios, utilizando seus esquemas mentais (através da memória de longo prazo, onde são guardado a sua experiência da vida e seus conhecimentos acumulados, tanto de natureza enciclopédia, como de natureza cultural, como os costumes, por exemplo) e fazer um uso eficaz de estratégias de processamento de texto, utilizando interativamente as memórias de curto prazo, também chamadas memória de trabalho, e a de longo prazo, e usando ainda, concomitantemente, as suas competências linguística e comunicativa. Convém salientar que o processo, além de ser interativo, é, também, compensatório, ou seja, quando uma fonte de conhecimento falha, outra fonte procura compensar aquela deficiência.

As modernas teorias de leitura, com base em vários modelos cognitivos, têm, portanto, enfatizado grandemente o papel das estratégias de leitura como um conceito-chave a ser considerado no desenvolvimento da leitura proficiente. Essas estratégias podem ser definidas como operações mentais de que o leitor lança mão para processar a informação visual, utilizando forma interativa e também compensatória todos os conhecimentos necessários para atribuir sentido ao que lê. As estratégias de leitura podem ser de natureza interna (portanto, de difícil observação e controle), ou de caráter cognitivo, por excelência. Essas estratégias cognitivas são inconscientes e se desenvolvem a partir do início da aquisição da leitura, aperfeiçoando-se com o tempo e prática, conduzindo o leitor a uma automatização de boa parte dos processamentos. As estratégias de natureza mais externa, também chamadas de estratégias

metacognitivas, são, por sua vez, mais fáceis de serem observadas e controladas, exigindo do leitor um monitoramento mais consciente.

De acordo com Goodman, (1987) “As estratégias metacognitivas mais importantes, com base no modelo psicolinguístico de leitura são as seguintes”: a predição (a capacidade que o leitor tem de antecipar-se ao texto, à medida que vai processando a sua compreensão); a seleção (a habilidade que o leitor tem de selecionar apenas os índices relevantes para a compreensão e propósitos da leitura); a inferência (através da qual o leitor completa a informação utilizando as suas competências linguística e comunicativa, o seu conhecimento conceptual e seus esquemas mentais ou conhecimentos prévios); a confirmação (utilizada para verificar se as predições e as inferências estão certas ou precisam ser reformuladas) e a correção (ou seja, uma vez não confirmada a predição, o leitor retrocede no texto a fim de levantar outras hipóteses, buscando outras pistas, sempre na tentativa de encontrar sentido no que lê).

O processamento de leitura é o mesmo para todas as línguas, isto é, os leitores sempre usam as mesmas citadas estratégias, independentemente dos idiomas que utilizam. De fato, o ensino instrumental de línguas estrangeiras já vem utilizando essa abordagem de leitura com algum sucesso, o que corrobora a sua eficácia quanto à intervenção pedagógica para se promover nos leitores-aprendizes o desenvolvimento e o aprimoramento do uso dessas estratégias. É nessa perspectiva textual e, portanto, discursiva, que é considerado válido colocar a questão da leitura escolar, no sentido de promover uma intervenção pedagógica, visando ao desenvolvimento de leitores, pelo menos, razoavelmente proficientes.

De acordo com Marcuschi (2002,p.27), “quando se nomeia um certo texto como “narrativo”, “descritivo” ou “argumentativo”, não está nomeando o gênero e sim o predomínio de um tipo de sequência de base. Tal prática deverá envolver experiências de leitura que promovam o uso de estratégias através do contato com os mais variados tipos de texto, pois o emprego eficaz das estratégias de leitura está intimamente relacionado com o tipo de texto que se lê e o propósito de leitura que se tem em mente.

Assim sendo, a leitura que geralmente se faz de um conto é diferente daquela que se faz de um texto didático de Ciências, por exemplo; e os objetivos de leitura também diferem. Além disso, sabendo-se que os textos comumente utilizados na sociedade têm formatos, estruturas e intenções variadas, é importante que o leitor-aprendiz venha a ter contato com a maior variedade possível desses textos, obviamente obedecendo-se a uma gradação quanto à sua complexidade, para acompanhar o processo de maturação do aluno.

O contato com os diferentes tipos de texto que circulam na sociedade e a consciência sobre as funções sociais que eles exercem na cultura grafocêntrica que caracteriza o mundo

moderno são fatores essenciais ao que hoje se chama de letramento. Por isso, a fim de ser usuário dos bens culturais e tecnológicos na sociedade atual, não basta, portanto, ser apenas alfabetizado; é preciso ser letrado.

E uma vez que, para ser letrado, o indivíduo tem que conhecer e distinguir as variadas tipologias textuais utilizadas nos diversos ramos da atividade humana. Cabe à escola promover este salto qualitativo, incorporando à chamada prática escolar da leitura, o contato e a familiarização dos alunos com uma diversidade de tipos de texto cada vez mais ampla, rompendo assim, com a tradicional prática linear e unidiretiva de leitura, agravada pelo uso abusivo e distorcido do texto literário.

A questão da tipologia de textos tem sido mais polêmica, pois são vários os critérios de classificação de textos. Mas, polêmica à parte, o conhecimento do maior número possível de tipos variados de texto é, sem dúvida, um componente essencial para o desenvolvimento de estratégias de leitura, especialmente a predição, pois conhecendo a função social dos textos, os tipos de discurso que neles predominam, e as formas como eles são estruturados, o leitor pode chegar a compreendê-los de maneira mais eficaz e mais rápida, chegando também a reconhecê-los e distingui-los facilmente, porque a tendência do leitor é internalizar as superestruturas (formatos, linguagem, intenções) desses textos.

Para ilustrar esse fato, veja-se a superestrutura dos contos de fada, por exemplo, a qual tem permanecido praticamente inalterada ao longo do tempo. Se for analisar com cuidado, pode-se perceber que a maioria dos textos de uso corrente na sociedade tem estruturas praticamente “canônicas” e, não mudam muito, a ponto de serem reconhecidas facilmente. Por isso, é difícil confundir a história de um roubo com a notícia de um roubo. A leitura de uma tipologia variada de textos pode dar também ao professor e ao aluno-leitor a oportunidade de se observarem os aspectos pragmáticos, a ideologia subjacente e o desvelamento das práticas de dominação de que se revestem textos utilizados na sociedade.

As estratégias discursivas podem, desse modo, ser desenvolvidas, promovendo, ao longo da prática constante de leitura nos vários anos de escolarização, uma consciência crítica no leitor. Na verdade, o ideal seria a elaboração de um programa de leitura que pudesse contemplar uma prática diversificada de leitura, abrangendo os textos mais utilizados nas comunidades letradas, ao mesmo tempo em que se daria oportunidade de os alunos desenvolverem estratégias produtivas de leitura, o que só pode ocorrer se for garantido ao aluno-leitor um volume bem maior de leitura do que normalmente se faz na escola.

Existem, à disposição do professor, várias alternativas e critérios para selecionar e classificar textos. Além da tradicional tipologia que classifica os textos em descritivos, narrativos, dissertativos e argumentativos, há também, aquela tipologia baseada nas funções da

linguagem (referencial, poética, expressiva, etc.). Existe, ainda, a classificação que leva em consideração as condições de produção e de recepção dos textos e as relações de força que se verificam nas práticas sociais através da língua escrita. Tal classificação admite três grandes tipos de texto: os textos lúdicos, os textos polêmicos e os textos autoritários.

### **3.2 Estratégias na formação do leitor**

O estímulo à leitura tem sido objeto de preocupação constante no cotidiano escolar, alvo de inúmeros programas governamentais, além de alavanca do segmento do mercado editorial que mais tem crescido nos últimos anos – o da Literatura Infanto-Juvenil. A verdade incontestável é que o ato de ler é fundamental na formação acadêmica do aluno, e que considerável parcela de responsabilidade no desenvolvimento das habilidades de leitura recai sobre a escola. Mas igualmente incontestável é a constatação de que a escola, salvo raras exceções, tem falhado nesta tarefa.

A valorização da leitura, considerada num sentido amplo, advém de sua importância para a inclusão do sujeito numa cultura letrada. Neste sentido, o ato de ler ultrapassa, num primeiro patamar, habilidades de simples decodificação; num segundo, a capacidade de atribuir sentido ao que foi decodificado; e ancora-se, finalmente, na habilidade de compreender o que nos chega por meio das informações colhidas, analisando-as e posicionando-se criticamente frente a elas. Sob tal ponto de vista, o domínio das habilidades específicas da leitura se traduz como um dos atributos que evitam a evasão escolar, oferecem ao sujeito melhores chances no mercado profissional e permitem exercer, de forma mais abrangente e complexa, a própria cidadania.

Hoje, não se pode sequer admitir que tais habilidades estejam atreladas apenas às necessidades de determinados setores produtivos, voltados para atividades intelectuais. Mesmo em empresas cujos recursos humanos necessitem de níveis de escolarização relativamente baixos, habilidades de leitura bem desenvolvidas tornam-se um diferencial, à medida que só o fato de conseguir compreender bem um manual de instruções pode evitar a paralisação de uma máquina, ou por má utilização, ou pela espera de um conserto que poderia ter sido facilmente realizado pelo próprio funcionário, por vezes com um único comando.

Assim, o próprio mercado de trabalho passou a valorizar muito mais aqueles que desenvolverem habilidades cognitivas e, em consequência, estão mais aptos a se adaptarem a realidades diferenciadas, porque conseguem apreender o novo com maior facilidade que aqueles que detêm grande número de informações sobre determinado assunto, à medida que tais informações se podem tornar rapidamente obsoletas. Assim, mesmo lidando apenas com o

segundo patamar – o da compreensão pura e simples do que foi lido – há que se admitir que a dinâmica, tanto da vida escolar, quanto da profissional, depende do letramento, de habilidades relacionadas à capacidade de encontrar significados e de proceder relações entre fatos e dados.

É bastante comum, que professores das mais diferentes áreas atribuam o fracasso dos alunos em sua disciplina ao fato de “não saberem ler”. Portanto, dificuldades de compreensão afetam diretamente seu desempenho, não só no que diz respeito à linguagem, mas em todas as áreas do conhecimento e durante toda a sua escolaridade.

Seguramente nesta constatação reside a causa de que, já há algumas décadas, o ensino da linguagem tem passado a contemplar, além da gramática, a chamada interpretação de textos. Mas a questão básica é que, apesar disso, o desempenho do aluno frente à leitura continua sendo, em regra, muito baixo.

## 4 COMO INCENTIVAR O HÁBITO DE LEITURA: UMA EXPERIÊNCIA

Nesse terceiro capítulo apresento o locus da pesquisa, a metodologia, e alguns itens: como incentivar o hábito da leitura, diversificar com gostosuras e bobices, e, a importância da biblioteca escolar.



Figura 1: fachada da Escola.  
Fonte arquivo pessoal

A escola foi criada pelo prefeito de Ponta Porã Sr. Orlando Mendes Gonçalves por meio do decreto 2278 de 05 de março de 1980 encontra-se localizada na Rua Roberto Bueno da Silva 486, Bairro São João.

A pesquisa sob abordagem qualitativa, com a fundamentação teórica através da pesquisa bibliográfica, estudo de caso foi realizada por meio de observações e de práticas de contação de histórias.

Hoje em dia a leitura é definida como um processo mental de vários níveis que contribui para o desenvolvimento intelectual e quando iniciada precocemente possibilita contrabalançar a deformação e o empobrecimento linguístico, pois, é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento da linguagem e da personalidade, favorecendo a remoção das barreiras educacionais.

O ensino da leitura é um processo complexo e compreende várias fases de desenvolvimento. É um processo perceptivo porque se reconhecem símbolos; ocorre a

transferência para os conceitos intelectuais ampliando-se num processo reflexivo. E também é um processo mental que consiste na compreensão das ideias, na interpretação e avaliação.

A criança entra em contato com a linguagem das gravuras antes da linguagem das letras e as ilustrações exercem uma atração redobrada sobre os principiantes e os maus leitores, pois elas enriquecem o texto estimulando o interesse de modo que a criança vire a página com frequência e tenha a impressão de estar lendo rápido.

Uma das principais tarefas do período pré-escolar é incentivar a criança a expectativa de aprender a ler, tornando mais fácil o ensino da leitura no 1º ano.

#### **4.1 Prática**

A realização da pesquisa ocorreu com uma parte prática, todavia, para que pudesse realizar tal prática com a leitura foi necessário realizar algumas observações conforme Lüdke e André (1986).

#### **4.2 Observações e prática**

As observações aqui descritas foram feitas na Escola Municipal de 1º grau São João, onde no primeiro dia somente acompanhei a aula da professora na 2ª série, não falei para os alunos o que eu estava fazendo ali. Observei que alguns alunos ficaram curiosos, queriam saber quem era, e o que eu estava fazendo ali. No final da aula, expliquei aos alunos que estava trabalhando com leitura, e iria ler para eles, e ler com eles, alguns se mostraram interessados, outros não.

Nesse dia conversei com eles para conhecer um pouco mais cada um deles, perguntei se algum deles já conhecia as fábulas contos infantis ninguém se manifestou, então disse a eles que eu iria levar alguns textos em livros. No dia seguinte levei as histórias; O Patinho Feio, os Três Porquinhos, Branca de Neve, Pinóquio, Peter Pan, Chapeuzinho Vermelho, Cinderela, Cachinhos Dourados e Os Três Ursos, Bambi, As Viagens de Gulliver, a Bela Adormecida, A Bela e A Fera, A Pequena Sereia, A princesa e o Sapo. Entreguei a eles todos os livros e pedi para que escolhessem três, fiquei observando as reações deles, notei que quase todos estavam curiosos, após algum tempo escolheram: O Patinho Feio, Os três Porquinhos e Cinderela. No segundo dia, levei os livros escolhidos por eles, li os livros e observei a reação deles; notei que as meninas eram as mais interessadas.

Após terminar perguntei as eles se haviam entendido as histórias, algumas explicaram como as entenderam. No terceiro dia voltei sem levar nada, quando cheguei fui indagado por

uma menina se não havia levado nada para ler, percebi então que há interesse, falta incentivo na sala de aula, perguntei aos alunos se algum deles tinha livros infantis em casa, a resposta foi negativa, perguntei então se os pais participavam, auxiliavam na aprendizagem dos alunos, a resposta foi quase unânime em dizer que não.

Lancei então um desafio aos alunos da classe, aquele que criasse a melhor história ganharia um prêmio, na semana seguinte retornei e sete alunos criaram suas historinhas, cada um do seu jeito, li todas as que eu achei a melhor história era de uma menina que contava sobre sua própria vida.

Dei a ela então uma coleção “Tesouros Clássicos”, vi a felicidade da mesma, que logo já foi abrindo e mostrando para os coleguinhas. Dessa experiência que eu tive pude perceber que a maioria dos pais não está incentivando os filhos, não compram livros, ou sequer acompanham o aprendizado dos filhos, deixando assim toda a responsabilidade para a escola.



Figura 2: Incentivo à leitura.  
Fonte: Arquivo Pessoal

Quando o aluno recebe algo como incentivo à sua leitura, percebi como foi importante para o menino ganhar um livro, pois acredito que todo aprendizado merece uma recompensa. Experiências feitas com o processo de iniciação da leitura mostraram que se pode ensinar uma criança a ler, com sucesso, depois dos 3 anos de idade.

Segundo Silva (1992, p.57), é na idade pré-escolar e nos primeiros anos de escola que, contar e ler histórias em voz alta e falar sobre livros e gravuras torna-se importantíssima para o desenvolvimento do vocabulário e para a motivação da leitura. Por isso, o exemplo e a “imagem” do professor exercem grande influência nos primeiros anos da escola. Quando a criança se identifica com o professor, uma pessoa que gosta de ler, o desenvolvimento de sua leitura será favoravelmente influenciado.



Figura 3: Leitura e outras atividades.  
Fonte: Arquivo pessoal

A partir de uma história contada ou lida, a criança deve ser estimulada a criar outra história e através de outras atividades pedagógicas.

Os bons livros infantis são o fundamento de ensino de leitura, pois o interesse pelo enredo e destino das personagens leva a criança a concluir todo o livro em pouco tempo. A seleção dos livros deve ser de acordo com o seu nível de dificuldade quando se trata de crianças que têm problemas de leitura.



Figura 4- Foto das crianças lendo, manuseando livros.  
Fonte: arquivo pessoal

Nessa atividade das crianças lendo e manuseando os livros, foi muito interessante resolvi criar um cantinho de leitura, onde as crianças leem e depois comentam o que leu.

Tão importante quanto á leitura feita na escola, é a influência do professor sobre os hábitos particulares da leitura. Ela se tornará mais fácil quanto maior for número de livros que enchem a lista do leitor.



Figura 5: círculo da leitura

Fonte: arquivo pessoal

Na foto acima pode-se perceber a motivação, o interesse, e a concentração das crianças no momento quando foi feito um círculo, e colocado vários livros a disposição das crianças onde cada uma escolhia o que achava mais interessante para ler.

As crianças não são “adultos em miniatura”, de Rousseau apud Aranha (2008), entretanto, não se leva em conta o “impulso para brincar” nos primeiros anos de escola onde se cometem erros, principalmente pela ênfase excessiva dada aos exercícios de habilidade na leitura. É necessário que o professor mostre interesse pela leitura, de cada criança, estimulando-a a continuar por seus próprios esforços.

É muito perigoso que a criança se interesse em primeiro lugar por um material de leitura simples e fraco, como por exemplo, as histórias em quadrinhos. O objetivo do ensino da leitura e da capacidade crítica só é atingido quando se começa com os interesses existentes, tentando constantemente expandir-lhes o horizonte

O hábito da leitura só será adquirido se a criança tiver modelos de comportamento no meio onde vive. E só será realidade se o indivíduo sentir que vale a pena quando satisfaz o seu interesse pessoal, profissional e social. Portanto, os pais precisam dedicar mais tempo aos filhos, inteirando-se dos interesses deles, lendo e comprando livros para os filhos.

A tarefa do futuro consiste em orientar as crianças para uma leitura sistemática e aumentar o tempo que elas gastam lendo. Não é suficiente a uma pessoa apenas completar sua educação escolar, mas educação permanente, ou melhor, a autoeducação onde os livros desempenham inúmeros papéis como: aumentar a capacidade crítica e aprender a fazer escolha entre a massa da produção geral e os meios de comunicação.

### **4.3 Diversificar com gostosuras e bobices**

O primeiro contato da criança com o texto é feito oralmente através da voz da mãe ou do pai. É muito importante para a formação de qualquer criança ouvir histórias, pois é o início da aprendizagem para tornar-se um leitor.

O livro da criança que ainda não lê é a história contada; portanto, quando se vai ler para ela é preciso saber como se faz. Contar história é uma “arte” e não se pode fazer isso de qualquer jeito. A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto. Segundo Coelho (2002), a leitura, no sentido de compreensão do mundo é condição básica do ser humano.

A compreensão e sentido daquilo que nos cerca inicia-se quando bebê, nos primeiros contatos com o mundo. Os sons, os odores, o toque, o paladar, de acordo com Martins (1994) são os primeiros passos para aprender a ler. Ler, no entanto é uma atividade que implica não somente a decodificação de símbolos, mas ela envolve uma série de estratégias que permite o indivíduo compreender o que lê. Neste sentido, relata Zilbermann..

Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua. Que consegue utilizar estratégias de leitura adequadas para abordá-los de forma a atender a essa necessidade (ZILBERMANN, 1988, p.14).

E para que isso aconteça, é bom que quem esteja contando crie todo um clima de envolvimento, e encanto. O contador precisa dar as pausas, criar os intervalos, respeitar o tempo para o imaginário da criança construir seu cenário.

Dependendo de seu momento, a criança pode estar interessada em ler sobre qualquer assunto. Ao ler uma história, ela desenvolve todo um potencial crítico, querendo saber mais e percebendo que se pode mudar de opinião.

A poesia do gênero literário é a que sofre os maiores preconceitos editoriais. Grandes poetas brasileiros não têm versões infantis de sua obra. A poesia para crianças, assim como a prosa, precisa ser, antes de tudo bem escrita, mexendo com a emoção e as sensações

A poesia não é mais que uma brincadeira com palavras. Nessa brincadeira, cada palavra pode e deve significar mais de uma coisa ao mesmo tempo: isso aí é também isso ali. Toda poesia tem que ter uma surpresa. Se não tiver, não é poesia: é papo furado. (ABRAMOVICH *apud* PAES, 1997, p.67).

São muitos os elementos para se trabalhar poesia com as crianças em sala de aula, quando o professor for selecionar alguma poesia para ser lida pelos alunos, é importante que não seja escrita por iniciantes, que ainda estão à procura da forma. É fundamental recorrer àqueles autores que já dominam o verbo, constroem o verso, controlam o ritmo, as imagens e provocam encantamento, suspiros, concordância, vontade de querer mais.

Há registro na história de que "Cinderela" já era contada na China durante o século IX d.C. e, assim como tantas outras, têm se perpetuado há milênios, atravessando todas as geografias, mostrando toda a força e perenidade do folclore dos povos. (SISTO, 2001 p. 26)

Por isso, estão envolvidos no maravilhoso, um universo que detona a fantasia, partindo sempre de uma situação real, concreta, lidando com emoções que qualquer criança já viveu. Cada elemento dos contos de fadas tem um papel significativo, importantíssimo e, se for retirado, suprimido ou atenuado, vai impedir que a criança compreenda integralmente o conto. Há alguns autores famosos desses contos que se destacam, como: Perrault, os irmãos Grimm e Andersen. Esses contos falam dos mais variados medos presentes no cotidiano de todos. Falam também de amor em todas as suas dimensões, sofrimentos, descobertas, encantos, possibilidades, entregas e plenitudes.

Sabe-se que a literatura infanto-juvenil, segundo COELHO, (2007), foi incorporada à escola, mas o livro não é escolhido pelo aluno. Na maioria das vezes, o livro é indicado, como se uma única e mesma história pudesse interessar a toda uma classe. Na verdade, o professor conhece pouco de literatura infantil, e levar os alunos à biblioteca para escolherem o que cada um quer ler, só aumentaria o seu serviço, pois para isso, teria que ler muito mais livros.

É muito importante levar os alunos a uma biblioteca ou livraria como se fosse um passeio. Deixá-los à vontade para vasculhar, mexer, procurar conhecer o que existe ter sua curiosidade satisfeita. Há várias maneiras de a criança ler, de conviver com a leitura de modo próximo, sem achar que é algo de outro mundo. Aproximá-la dos livros de modo aberto, encaminhá-la para o mundo mágico e encantado das letras.

#### **4.4 A importância da biblioteca escolar**

O desenvolvimento das tecnologias, nas últimas décadas, vem afetando todos os setores da atividade humana, proporcionando maior agilidade de comunicação, reduzindo

esforços nas rotinas diárias e ampliando as possibilidades de acesso à formação em todo mundo.

Para que a escola tenha o desenvolvimento desejado é necessária a utilização de recursos que facilitem a integração e a dinamização do processo ensino/aprendizagem e entre os recursos existentes, destaca-se a biblioteca escolar, instrumento indispensável como apoio didático pedagógico e cultural, e também elemento de ligação entre professor e aluno na elaboração das leituras e pesquisas, e mais que isso.

A biblioteca é um centro ativo da aprendizagem e deve ser vista como um núcleo ligado ao esforço pedagógico dos professores e não como um apêndice das escolas. Ela deve trabalhar com os professores e alunos e não apenas para eles. Mas na grande maioria das vezes “a biblioteca é encarada como um anexo da escola, quando na verdade, ela deveria ser a sua alma” (NETO, 1998, p.20).

A falta de hábito de alguns educadores em utilizar livros como recurso de ensino-aprendizagem demonstrou que a metodologia por eles utilizada poderá provocar nos educandos uma certa rejeição pela leitura como prazer. O hábito da leitura constitui-se em uma preocupação dos professores, no entanto, eles encontram dificuldades para implementação, porque não há recursos bibliográficos disponíveis; na maioria das vezes a própria formação de magistério é feita desprovida da prestação de serviços bibliotecários adequados, situação atual da maioria das escolas brasileiras.

O uso adequado do livro e da biblioteca são imprescindíveis para a realização de uma pesquisa satisfatória, cuja prática incentivada, contribui para que o estudante busque, também, respostas para indagações pessoais, amplie seus conhecimentos, forme sua própria opinião, garantindo seu espaço na sociedade. “No limite, mas sem exagero, o que se poderá dizer é que sem biblioteca escolar não há escola moderna nem Reforma do Sistema Educativo” (CALIXTO, 1996 p.57). Complementando a citação pode-se dizer que é necessária a presença do bibliotecário escolar capaz de atuar como agente mediador, um profissional consciente de sua função de educador, com experiência didática e criativa, que saiba manter um bom relacionamento com o corpo docente e que esteja preparado para oferecer programas de treinamento em pesquisas bibliográficas e incentivo à leitura, através da hora do conto para crianças do Ensino Fundamental.

A hora do conto é uma das atividades realizadas com a finalidade de despertar nas crianças o interesse maior para explorar o mundo mágico da leitura e, por isso, utilizada como instrumento de pesquisa. A literatura infantil é fundamental para a formação da criança. Ler e contar histórias são uma forma de desenvolver o gosto pela fantasia, incentivando aspectos que

dizem respeito ao seu potencial criativo, é transformar a leitura em gostosura com forma de bobice.

O gosto literário da criança pode ser estimulado, introduzindo o livro, desde cedo, nas suas brincadeiras. Quando a criança ainda não lê, é bom que alguém lhe conte histórias. Poderá ser o primeiro passo para que mais tarde a criança tenha o gosto pela leitura. É preciso que a estrutura da narrativa seja linear e desaconselham-se as efabulações fragmentadas, comuns na ficção moderna. A ação deve ser ininterrupta e crescente para desenvolver com presteza e terminar com um final efetivo. Os contos de fada dirigem a criança para a descoberta de sua própria identidade e também sugerem as experiências que são necessárias para desenvolver ainda mais o seu caráter. “Eles alimentam a imaginação e estimulam as fantasias, pois nem todos os nossos desejos podem ser satisfeitos através da realidade”.(SILVEIRA, 1996, p.12).

Assim é muito importante incluir contos de fadas na seleção de histórias pelos professores, ou a contação de histórias pois a leitura não só desperta na criança o gosto pelos bons livros e pelo hábito de ler como também desperta a valorização exata das coisas, desenvolve suas potencialidades, estimula sua curiosidade, leva-a a inquietar-se por tudo que é novo e amplia assim seus horizontes.

A biblioteca infantil ou escolar deveria ter como uma atividade de rotina ler histórias para crianças, quando necessário, este é o papel do professor nos anos iniciais que permita a cumplicidade entre a criança e o contador de histórias. O professor, ponto afetivo, a ilustração e o texto, o acesso necessário ao mundo dos adultos. O contato da criança com o livro necessita ser compartilhado com alguém que o aprecie. Ao professor dos anos iniciais, encarregado desta tarefa, sugere-se levar em conta alguns princípios elementares requeridos, como: extensão da narrativa (de acordo com a idade das crianças), suspense; inflexão de voz, linguagem a ser usada; gestos; atenção dos ouvintes, escolha do tema; lugar da reunião e demais recursos para conseguir o clima adequado, de modo a criar todo um ambiente propício ao texto, a leitura, ao imaginário.

Nesse sentido é dever de toda escola assumir a tarefa de formar leitores, e não apenas de jornais. Mas de texto pela vida afora. Ainda que, “A pequena quantidade de bibliotecas no país é um fator que contribui, e muito, para a deficiência de letramento dos estudantes”. (NOVA ESCOLA *apud* KLEIMAN,2001 p.17). O professor e a escola em conjunto o que devem ampliar esforços para conseguirem vencer o déficit que nos mostra que estamos formando analfabetos funcionais e não verdadeiros leitores. Urge, pois, formar leitores se quisermos dar a cada aluno a cidadania a que a escola se propõe.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tipo de leitura trabalhada na escola vem no decorrer dos anos modificando-se gradualmente. A leitura, antes realizada nos textos instrucionais, hoje traz uma variedade lúdica que pressupõe um estímulo bem maior ao leitor-mirim.

O professor dos anos iniciais defronta-se muitas vezes com um grande dilema: sabe do enorme compromisso que tem de iniciar os alunos nos caminhos da leitura e que do trabalho realizado nos primeiros anos escolares é que resultará um bom leitor, no entanto, sua formação acadêmica não o preparou para trabalhar com este aluno, possivelmente um “leitor-mirim”.

Percebe-se na escola um desestímulo cada vez maior pela leitura. Isso ocorre devido as propostas de leitura não serem interessantes, pois na maioria das vezes os textos e livros não são adequados, aos níveis e faixas etárias dos alunos ou a abordagem de leitura é incorreta .

Cabe ao professor dos anos iniciais introduzir a leitura de forma lúdica primeiramente, atuando como leitor de histórias que despertem a imaginação da criança, para tanto a escolha do repertório deverá ser adequada à idade e a escolaridade, para depois, gradativamente ativá-la como leitora individual.

Ouvir histórias desde cedo é o primeiro passo para formação de um leitor competente, porém quando o aluno já domina as habilidades de leitura, o professor poderá ir aos poucos incentivando a leitura de novos textos, outras tipologias. Exemplo disso foi a reescrita da leitura de uma aluna que contou a história, inserindo seus parentes como personagem da história.

Por isso outra dificuldade normalmente encontrada em sala de aula é o professor que desconhece as tipologias textuais e oferece aos alunos o mesmo tipo de leitura, durante todo o ano letivo, desestimulando o seu crescimento leitor.

A diversidade de textos em sala de aula é requisito básico para que o aluno goste de ler, pois quanto maior o acesso a novos materiais, maior é a curiosidade e a vontade de saber sobre o conteúdo deste material. Porém, só a diversidade de textos não forma um bom leitor. É necessário que o professor investigue quais as preferências leitoras do aluno e torne possível o acesso às mesmas, sempre se considerando a idade dos leitores.

Trabalhar a leitura em sala de aula requer empenho e conhecimento por parte do profissional educador, pois professores que não estão habituados ou não gostam de ler, frequentemente veem-se sem argumentos perante seus alunos quando necessitam trabalhar com materiais de leitura.

Considera-se assim, que a formação de um leitor competente, está estreitamente ligada às possibilidades e ao incentivo para a leitura de uma forma prazerosa, cujo acesso encontra-se

nos primeiros anos de escolaridade, a eficácia, pois, desse aprendizado está literalmente ligada à metodologia empregada no contato inicial com o texto.

Outra forma de estímulo é presentear o aluno com livros, embora os pais ou responsáveis não queiram fazer tal investimento, isso no futuro fará o diferencial para que o aluno tenha gosto pela leitura. Também o professor poderá nas reuniões de pais, conversar e explicar, aos responsáveis o quanto é importante incentivar os filhos nas leituras.

A criança gostará de ler se for estimulada desde cedo por pessoas que gostem de ler e que demonstrem a possibilidade de ter conhecimento e lugares através da leitura de bons textos, incentivando assim, a criatividade de cada ser, a imaginação, e a possibilidade de conhecer o mundo por meio de palavras, cenários, imagens que brotem tanto da ficção quanto da realidade criada pelas palavras lidas ou ouvidas em texto diversos e, em especial, nos anos iniciais, nas fábulas, nos contos de fadas nos textos que formam o imaginário coletivo de geração a geração.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997
- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o habito de leitura** 4. ed São Paulo: Ática, 1995.
- Boletim Eletrônico.CADERNO EDUCAÇÃO. Julho de 2005, Ano I, n. 05. Disponível em: <[www.sme.pmmc.com.br/arquivos/boletim/boletim\\_005.do](http://www.sme.pmmc.com.br/arquivos/boletim/boletim_005.do)>. Acesso em 13 nov. 2011.
- CALIXTO, José Antonio. Biblioteca pública versus biblioteca escolar: uma proposta de mudança. **Cadernos BAD**, Lisboa, n. 3, p.57, 1994.
- CASTRO, Eline Fernandes de. **A importância da leitura infantil para o desenvolvimento da criança**. Disponível em: <<http://meuartigo.brasilecola.com/educacao/a-importancia-literatura-infantil-para-desenvolvimento.htm>>. Acesso em 26 de jan. 2011.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise e didática**. 7. ed. São Paulo: Moderna, 2002.
- FERREIRO, Emilia e TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua escrita**. Porto Alegre, Artmed,1999.
- FERREIRO, Emilia. **Com todas as letras**. São Paulo: Cortez 2001.
- FRANZ, Maria Helena Zancan. **O ensino da literatura nas séries iniciais. no século XIX no Brasil. História da educação**. Pelotas, n. 11, p. 25-51, abril 2002.
- FREINET, Celestin. **As técnicas Freinet da escola moderna**. São Paulo: Estampa 1973.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2001.
- FREIRA, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.
- LERNER, Délia. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas, SP: Pontes, 2002.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. BATISTA, Antônio Augusto Gomes Batista. A leitura na escola primária brasileira: alguns elementos históricos. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 24, v. 4, Dimensão, nov./dez. de 1998. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/ensaios/ensaio21.html>>. Acesso em: 20 nov. 2011.
- GERALDI, João Wanderlei. **O texto na sala de aula**. 3. ed. Cascavel: Assoeste, 1984. Ijuí: Unijuí, 1997.
- KATO, M.O **Aprendizado da leitura**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- KAUFMAN, Ana Maria. **A leitura, a escrita e a escola**. Porto Alegre: Artmed, 1995.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de Leitura: teoria e prática**. 3. Ed. Campinas, SP: Pontes, Unicamp, 1995.

MACHADO, Ana Maria, **Como e porque ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. et al. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARTINS, Kelly Cristina Costa. Do passado ao presente: a relação leitura escola. 17º Congresso de leitura do Brasil. **COLE**, Unicamp: 20 a 24 de julho de 2009. Disponível em: <[http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes\\_antteriores/anais17/txtcompletos/sem12/COLE\\_1134.pdf](http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes_antteriores/anais17/txtcompletos/sem12/COLE_1134.pdf)>. Acesso em 20 jun. 2011.

**Nova Escola**. Ler e escrever nº 145, setembro 2001.

SANCHES NETO, Miguel. Desordenar uma biblioteca: comércio & indústria da leitura na escola. **Revista Literária Blau**, Porto Alegre, v. 4, n. 20, p. 20-24, mar. 1998.

SANTOS, Antonio S. **Apresentação Gráfica de Pesquisas Científicas e trabalhos Acadêmicos**: sugestões e Normas (NBR 14724:2002). 2. ed. Curitiba: Projeto Saber, 1994.

SILVEIRA, Itália Maria Falceta da. Ensinar a pensar: uma atividade da biblioteca escolar. **Revista de Bibliotecon. & Comun.**, Porto Alegre, v. 7, p. 9-30, jan./dez. 1996.

SMITH, Frank **Compreendendo a leitura**: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler.. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

SOUZA, Renata Junqueira de. **Narrativas Infantis**: a literatura e a televisão de que as crianças gostam. Bauru: USC, 1992.

TAMBARA, E. **Trajetórias e natureza do livro didático nas escolas de ensino primário** 2002

VIGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. 9. Ed. São Paulo: Global, 1994.

ZILBERMAN, Regina. História e Sociedade. **Revista Leitura: Caminhos da Aprendizagem**. São Paulo: Global, 1993.